

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).



*UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA*

*INSTITUTO DE HISTÓRIA*

*A Revolução que não foi:  
A fala “fabricada” sobre o Golpe de 64.*

*Marco Túlio de Sousa Nascimento.*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A Revolução que não foi: a fala “fabricada” sobre  
o golpe de 64.**

**Marco Túlio de Sousa Nascimento.**

**UBERLÂNDIA – MG**

**JULHO/2015**

**MARCO TÚLIO DE SOUSA NASCIMENTO**

**A Revolução que não foi: a fala “fabricada” sobre  
o golpe de 64.**

Monografia apresentada como requisito para  
a conclusão do curso de História –  
Licenciatura e Bacharelado, da Universidade  
Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

**UBERLÂNDIA – MG**

**2015**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Denise de Sordi

---

Prof.<sup>a</sup> Cinthia Cristina Oliveira Martins

---

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

(Orientador)

## **RESUMO**

**O presente trabalho tem por finalidade analisar a fala ou discurso que defende o golpe militar ocorrido no Brasil em 1964. A análise que foi construída primeiramente abordou o discurso oficial do Exército, em palestras que foram montadas pelo Centro de Comunicação Social do Exército-CCONCEX, para que constituíssem a versão oficial que os militares apresentariam. A segunda parte temos o discurso da parcela conservadora e de direita da sociedade civil. As reflexões foram feitas de modo a desconstruir esse discurso e apresentar contrapontos com embasamento historiográfico.**

**Palavras-Chave: democracia, golpe, Exército, ditadura, direita.**

## SUMÁRIO.

|  |            |
|--|------------|
| <b>Apresentação.....</b>   | <b>7.</b>  |
| <b>Capítulo I: A Fabricação do bem e do mal:Os “comunistas que nós não tínhamos e os heróis que nunca tivemos”.....</b>                            | <b>11.</b> |
| <b>Capítulo II:O discurso reproduzido pela sociedade civil:Os clamores às soluções de força e a construção da fala em favor da democracia.....</b> | <b>31.</b> |
| <b>Considerações finais.....</b>   | <b>45.</b> |

### **Apresentação.**

Em 01 de março de 2007, pelos portões do 11º Batalhão de Engenharia de Construção, em Araguari-MG, incorporei às fileiras do Exército Brasileiro como Soldado. Realizei um Curso de Formação de Cabos, e em 2008 foi promovido. E ainda, seria elevado a graduação de Terceiro-Sargento Temporário da Arma de Engenharia em 2012. Foram assim, 08 anos de experiências e desafios. Foram 08 anos de caserna. Esse trabalho foi iniciado por ter vivido aquelas experiências, já que a minha visão sobre o que aconteceu há 50 anos não foi deturpada pelas fabricas de ideologias que pode ser o Exército.

Minha opinião sobre a chamada Revolução Democrática de 31 de março de 1964, permaneceu intocada e se fortificou, sobretudo, pelos estudos acadêmicos no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. E aproveitando a oportunidade de pesquisar na fonte o discurso que defende o Golpe Militar, que como Coordenador do Arquivo Geral e Histórico do Batalhão recebi a permissão para utilizar os textos de duas palestras criadas nos anos de 1980 pelo Centro de Comunicação Social do Exército – CCOMSEX. Os textos foram usados para que ao falar sobre da “Revolução Democrática” e da Intentona Comunista, os militares empregassem uma linguagem uniforme, ou seja, o discurso da Instituição.

Um discurso foi preparado para ser enviado aos quartéis. Hoje, após 05 (cinco) décadas, o golpe de Estado Militar que implantou a Ditadura no Brasil, encontra fieis defensores na sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito a setores mais conservadores e da direita, com destaque às velhas gerações de militares que defendem arduamente o retorno do poder político constituído ao controle do alto escalão das Forças Armadas.



A cada 31 de março que se seguia após o Golpe, eram ministradas palestras e instruções a tropas de militares em formação, fosse nos colégios militares ou em escolas de oficiais ou praças de carreira, com ânimos exaltados em referência ao, diga-se de passagem, “ato salvador” que foi aquele golpe, denominado no âmbito militar de “Revolução democrática de 31 de março”. Mas em 2011, a Presidência da República emitiu ordens para que não fosse comemorado o golpe pelos militares, encerrando assim o ciclo das festividades e eventos que “brindavam” o sucesso golpista de 64.

O discurso construído que apresenta durante a Ditadura Militar firma-se em matriz anticomunista e no suposto “perigo” de ocorrência, dentro do Estado Brasileiro, de uma Revolução Socialista, a exemplo do que houve em Cuba (1959), tal como também aponta a infiltração de “subversivos” no governo de João Goulart, sendo o próprio Presidente constitucional um perigo que supostamente tinha a pretensa ideia de tornar o Brasil uma República Sindical.

Esse é um ponto importante na desconstrução da fala defensora do golpe, pois ao analisamos as esquerdas comicamente tidas como ameaças de Revolução Socialista, vemo-las divididas e sem forças significativas para levar a cabo um projeto de mobilização da sociedade com foco de tornar os brasileiros defensores de uma nação socialista.

As fontes analisadas na primeira parte do trabalho são textos oficiais, redigidos nas décadas de 1970 e 80, utilizados para embasar palestras ministradas por militares em escolas e outras instituições, a cada aniversário do golpe. A primeira fonte trata especificamente da denominada “Revolução Democrática”, e é o objeto principal que deu origem à pesquisa. A segunda refere-se às ações militares nos dias da Intentona Comunista, dando uma ideia de como o pensamento militar anterior a Guerra Fria existia frente ao “perigo comunista”.

Essas fontes são contrapostas por historiadores como Hobsbawm, que nos indicará que desde o princípio do século XX a tendência da direita é servir de ameaça à democracia. O mesmo Historiador nos aponta também o

fracasso do socialismo internacional que podemos usar aqui como oposição a visão de que até hoje o “comunismo” vai dominar o Brasil.

Temos também Jorge Ferreira e Caio Toledo nos mostrando, um o posicionamento dos militares e o outro a situação das esquerdas, impotentes, no Brasil para desmitificar a iminência de uma Revolução socialista. E é importante ressaltar que não somente podemos tecer críticas à direita, mas também à esquerda poderemos ver não ser capaz de se colocar em pé de igualdade com o socialismo que se aventura no âmbito internacional, e assim nunca conseguindo levar as massas brasileiras à Revolução.

Na segunda parte do trabalho, foi construída uma análise do discurso de ódio da sociedade civil em uma reflexão ao papel antidemocrático da classe média finalizando com a contra resposta democrática e uma reflexão sobre o valor da democracia no Brasil. A construção de uma reflexão crítica sobre esse discurso, que defende ferreamente a Ditadura Militar, torna-se oportuna uma vez que tal assunto não fora encerrado frente às indagações que a História recente do Brasil coloca diante da sociedade. Esse discurso justificador, que militarmente leva em si toda uma conotação messiânica de salvação da pátria, está vivo e fortificado dentro dos quartéis e, sobretudo, nos setores de direita que se consideram herdeiros morais do passado em que era preciso homens fardados para por “ordem na casa”.

A manutenção do Estado Democrático de Direito e as garantias das liberdades tal como a proteção dos Direitos Humanos (de todos ausentes nos dias do Regime Militar) devem ser enfatizados a cada momento em que tal assunto é retomado. Assim a análise que se busca construir com o presente trabalho deve ser dirigida no sentido de valorização da democracia e enfrentamento aos discursos prontos e endereçados aos setores mais conservadores da sociedade civil. A Ditadura Militar certamente não pode ser vislumbrada como um perigo a ser temido já que encontra seus soldados e defensores no Século XXI, mas sim, como algo a ser enfrentado por todas as gerações, que viveram aqueles dias e as novas que adentram o presente século. E assim pensando tudo isso que a metodologia usada foi o debate

bibliográfico com a finalidade de desconstruir o discurso de ódio civil e militar, além das críticas às fontes oficiais.

## Capítulo I:

### *A Fabricação do bem e do mal:*

#### *Os “comunistas que nós não tínhamos e os heróis que nunca tivemos”*

31 de março de 1964, os militares saíram dos quartéis e estão nas ruas para “salvar” o Brasil do Comunismo. É a *Revolução Democrática* que adentra “redentora e indelével” para a História. Os “soldados da pátria” para sempre falaram inspirados sobre aquele dia em que “salvaram” a nação.

1º de abril do mesmo ano, *dia da mentira*, a nação acorda sob uma Ditadura. Com o pretexto de “salvar” o país de uma “Revolução Socialista”, os militares deflagram um *Golpe de Estado*, retirando um Presidente da República e inaugurando um período cruel na História do Brasil.

O que ocorreu em 1964? *Revolução Democrática* que implantou o *Regime Militar* ou *Golpe de Estado* que impôs a *Ditadura*? Duas versões, dois lados da História que são apresentados cinco décadas depois pelos que são pró e contra a atuação dos militares e tudo o que aquelas datas (31 de março/ 1º de abril) significaram.

Há toda uma configuração de debate em torno das versões construídas pelos militares, militantes, políticos, esquerdistas, perseguidos, e mais uma variada gama de indivíduos que se dedicam a contar a História principiada em 1964. O legado do período em que os Militares governaram o Brasil é algo bem presente e vivo, é um passado que não passou e por isso suscita debates acalorados até hoje.

Nessa onda, há uma importância de se contar a História. Assim as Forças Armadas e seus partidários *pro - golpismo*, contra a versão “esquerdista”, dedicam-se a apresentar a “verdadeira” e “legitimada” História da “*Revolução Democrática*” que salvou o Brasil do comunismo.

Haja vista que para os militares os vencidos tem se esforçado para se tornarem vencedores pela “*versão subversiva da História*”, conforme nos conta João Roberto Martins Filho que afirma que “*Na visão unânime dos militares, uma vez derrotada, a esquerda esforçou-se por vencer, na batalha das letras, aquilo que perdeu no embate das armas*<sup>1</sup>” (FILHO, 2002. p. 180).

Contudo não vemos tal afirmação somente entre os militares. Essa ideia também é compartilhada pelos setores civis, sobretudo os conservadores. O ex-ministro Jarbas Passarinho, convidado a escrever a apresentação da obra *1964 - 31 de março: o movimento revolucionário e a sua história*, ironiza as versões que contradizem a Revolução em seu texto intitulado *A desculpa dos vencedores*:

(...) Diante disso, os vencedores pedem desculpas em nome das centenas dos que morreram certos de lutar pela Pátria e cujas famílias não merecem receber indenizações. Em nome, igualdade, da memória dos covardemente assassinados; dos que tombaram no atentado terrorista no aeroporto do Recife; do soldado sentinela do II Exército cujo corpo se fragmentou, despedaçado pelo explosivo dos terroristas, que dessa ignomínia se vangloriam em livro premiado em Cuba;(...) São quase mortos vivos a sofrer o ‘revanchismo’ dos que, derrotados pelas armas, são vitoriosos pela versão que destrói os fatos, nutrida no governo de esquerda moderada. Todos pedem desculpas aos comunistas que combateram e venceram, até porque há quase 300 anos se diz que na vida não há como escapar das injúrias do tempo e das injúrias dos homens. (Passarinho. 2003. p. 27).

A expressão usada por Passarinho (*São quase mortos vivos a sofrer o ‘revanchismo’ dos que, derrotados pelas armas, são vitoriosos pela versão que destrói os fatos, nutrida no governo de esquerda moderada*) é a ideia que reside nas mentes dos defensores de uma História Oficial sobre o Regime Militar, sobretudo dentro das Forças Armadas que tem acusado nos últimos tempos a historiografia utilizada nos livros didáticos nas escolas para ideologicamente “corromper” os jovens estudantes.

---

Os defensores do golpe, porém organizam-se em contra respostas para legitimar (a cada geração) a Revolução democrática. Assim a palestra utilizada neste trabalho foi pensada para apresentar as razões e justificativas dos militares.

Começamos a apresentar, então, a verdade histórica que a palestra sobre o golpe . Nela vemos um esforço que se dedica a descrever o caos político do país e a conivência do governo do Presidente João Goulart com os *comunistas* infiltrados em seus ministérios e todo o aparato estatal.

Ao descrever os *inimigos da pátria* os militares o fazem de modo a apresentar uma imagem dantesca dos comunistas brasileiros, ou uma doença cuja cura ou antítese seriam eles mesmos atendendo o chamado da nação. Há uma preocupação em apontar o inimigo em todos os lados, e temos o esforço em mandar uma mensagem, sobretudo, para os jovens soldados e civis que tivessem a oportunidade de assistir a Palestra, em cada comemoração do aniversário da Revolução:

(...) Hoje, os soldados de Caxias participam, das comemorações do aniversário da 'Revolução Democrática de 31 de Março de 1964' conscientes do papel histórico que desempenharam naquele autêntico movimento cívico. Para que as gerações mais jovens tenham consciência do verdadeiro e grande significado da Revolução e saibam que o inimigo combatido na época continua variando apenas sua tática, necessário se torna um fiel retrospecto dos seus antecedentes. (CCOMCEX, década de 1980. p. 1).

Sim, a razão de existir a palestra analisada é a comemoração dos aniversários dos Golpes em festividades dentro dos quartéis e clubes militares. E como notamos há uma necessidade de instruir as novas gerações sobre a legítima História. Como o título do presente trabalho sugere, para atender a demanda de explicar o Golpe travestido de Revolução, fabrica-se um passado, uma História que deve levar em si o caráter salvador, democrático, popular e revolucionário. A ideia de Revolução deve atender à necessidade de apresentar uma transformação profunda, a conversão do

caminho rumo ao comunismo que o Brasil seguia, mas , por força das ações militares, mudou passando para outro caminho. O caminho patriótico, ordeiro, disciplinado. Uma escolha dos brasileiros que chamaram as Forças Armadas para que estas os salvassem da sovietação.

Fabricou-se, portanto, a História da Revolução, definindo muito bem a clássica dualidade do *bem* contra o *mal*. E ao comunismo coube o papel de vilão enquanto as Forças Armadas, em especial o Exército, cumpriram seus atos como portador da salvação dos brasileiros, tendo ao fim uma missão quase que mística: destruir o comunismo.

Seguindo essa dualidade, na Palestra o cenário nacional é muito bem definido e organizado para que o público não se confunda sobre o que estava acontecendo. Assim na fabricação dessa *História legítima* ignoram-se pontos importantes como: a divisão política e ideológica dentro das próprias Forças Armadas; a divisão e desorganização das esquerdas no Brasil; a falta de poder militar das esquerdas, que não poderiam conduzir as massas para uma Revolução verdadeira; o isolamento do presidente João Goulart, sobretudo pelas esquerdas; a influência estadunidense na tomada do poder pelos militares, sendo apresentada somente à influência de Moscou e do comunismo internacional sobre as esquerdas; entre outros fatores.

Tudo é modificado de modo a coincidir com a conveniência do discurso oficial, e nessa tentativa de organizar a História, mesmo que ignorando realidades e deturpando contextos, apela-se para *a preservação da verdade histórica como sendo um dever cívico*, como podemos ler no enunciado de outra palestra produzida também pelo Centro de Comunicação Social do Exército - CCOMSEX, sobre a Intentona Comunista:

(...) A preservação da verdade histórica é um dever cívico. A informação aos mais jovens sobre as tentativas de comunização do BRASIL, é um dever de consciência. A divulgação das técnicas e das táticas empregadas pelo MCI é antes de tudo, uma obrigação de todo Comandante. (CCOMSEX, década de 1980. p. 1).

Inserida na verdade histórica os militares se apresentam como a cura para todos os males da nação:

(...) Iniciou-se a recuperação econômica, financeira, moral, política social e administrativa do país. O respeito à autoridade tornou-se patente. A ordem retornava e os direitos foram garantidos. O esforço frutificou e sem apelos demagógicos nem excessivos sacrifícios do povo, o país ingressou numa fase progressista reclamada pela grandeza do Brasil e pelos anseios da própria nação. (CCOMSEX década de 1980. p. 9).

Totalmente descontextualizado, o discurso faz alusão a uma realidade fictícia que deveria atender a vontade dos setores conservadores e aos interesses dos próprios militares. É assustador lermos a afirmação de que “*a ordem retornava e os direitos foram garantidos*”, haja vista que é impossível ligar direitos garantidos com uma democracia assassinada, uma liberdade cerceada sob o cadáver de um Estado democrático abatido.

Dentre tantas missões para com a pátria a *verdade histórica* ocupa assim um lugar de destaque para os militares. Então contar a História da Revolução Democrática era o cumprimento de uma missão, uma tarefa similar às outras existentes nas rotinas e meios militares, e como para tantas atividades e deveres foram produzidos manuais e regulamentos, a História então foi disciplinada para ser transmitida. Foi assim que nasceu a palestra que analisamos, no Centro de Comunicação Social do Exército, de onde ela se espalharia para outras Unidades Militares para ser ministrada a cada aniversário daquele momento histórico.

Para principiar a análise a respeito da versão dos militares, começaremos por analisar o “*perigo comunista*” que veio a servir como a justificativa pela qual um levante de armas assassinou a democracia e fez cumprir no Brasil duas décadas de opressão e medo oriundos de um Estado ditatorial sobre o povo, e, sobretudo, como esse perigo aparece com ênfase na Palestra da década de 1980 do Centro de Comunicação Social do Exército - CCOMSEX.



Temos de conduzir a análise da Palestra de modo a mostrar como a figura do inimigo foi *fabricada* resultando em um *comunismo ameaçador* que nunca houve na realidade do Brasil. Podemos afirmar que as esquerdas haviam com radicais intenções de levantes. Contudo vislumbramos internamente um arremedo sem a força das esquerdas internacionais . Podia-se beber em fontes como Marx, Engels, Lênin e outros, mas os “*perigosos comunistas*” não passavam de grupos que depois evidenciariam divisão e desorganização, tendo sido 1935, ano da Intentona Comunista, o único momento ousado de tentativa de algo para a além das ideias. E as gerações que chegaram à década de 1960, nada tinham além de sonhos e vontade impraticável de revolucionar o Brasil. Pelo menos é isso que notamos se observarmos nossas esquerdas em relação as que haviam em outras partes do mundo.

É histórica a invenção dos inimigos mais cruéis e terríveis por parte dos tiranos que necessitam encontrar justificativas para seus atos. Com esses inimigos visíveis é mais fácil conduzir o discurso da “*razão de estarmos lutando*”. E no Brasil aquelas esquerdas do princípio da efervescente década de 1960 foram rotuladas como os “inimigos terríveis”, que passariam a fazer parte de um *comunismo* que iria tomar a *pátria*. Houve uma “*fabricação*” de uma *esquerda superpoderosa* e com supostas condições reais de fazer a *Revolução*. Eles, os “comunistas” tinham estratégias e estavam por aí, dispostos a tudo, como explicavam os militares: “(…) *A sutileza da estratégia comunista é obter uma ampla infiltração nos pontos chaves e transformar a conquista de outros em vitória comunista*”. (CCOMCEX,2003. p. 27)

Contrapondo tal ideia de *organização comunista* para tomar o poder, podemos vislumbrar nas esquerdas nada de potente e promissor e muito menos organizado e coeso. Fundado no Brasil na década de 1920, o Partido Comunista nunca seria forte o bastante para mobilizar as massas, e muito menos cumprir em seguida a prática da clássica Revolução que derrubaria o governo e a burguesia para erigir um Estado Socialista. As esquerdas encontravam-se bem longe da realidade dos exemplos mais citados pelos militares- *Rússia* e *Cuba*, esta última mais assustadora ainda por ter se tornado o catalisador para muitos movimentos sociais na América Latina.

Na documentação componente da Palestra analisada vemos a preocupação dos militares em apresentar o comunismo, como algo cruel que ameaçava o mundo ocidental, cumprindo com maestria a clássica explicação de tudo pela bem definida dualidade do que é o *bem* e o que é o *mal*:

“(…) Com a Revolução ocorrida na Rússia em 1917, quando os bolcheviques tomaram o poder, desencadeou-se uma exportação insidiosa e solerte da ideologia marxista-leninista, ameaçando sistematicamente o mundo ocidental e democrático.” (COMCEX década de 1980. p. 1).

Os palestrantes nos quartéis e nos colégios militares exaltavam uma ameaça global e real que estava prestes a alcançar os brasileiros. E isso impressionava o público, sobretudo por, além de as Forças Armadas carregarem um grande prestígio que é difuso em meio à sociedade, os jovens soldados e alunos nos colégios ou eram de origem humilde, que não lhes permitiam ter a noção sequer do que era o *capitalismo de fato* contra o qual os socialistas lutavam (caso da tropa, em geral soldados oriundos de condições que forçavam o serviço militar como a oportunidade de vida), ou pertenciam a lares já ideologicamente compromissados com uma pregação feroz contra o comunismo (que era a realidade de muitos estudantes dos colégios militares, cujos pais estavam na caserna).

A acentuada disputa do *bem* contra o *mal* foi, portanto, planejada de modo que ao palestrar sobre a “História Verdica” da *Revolução* não pairasse dúvidas sobre quem era o inimigo: os comunistas. A “fabricação” desse inimigo foi tão eficaz que impregnou gerações de soldados, inclusive aqueles pertencentes às gerações que nasceram após 1985, quando o último General deixou o poder. Nesses termos, os manuais das Escolas de Formação dos militares deturpavam conceitos, apresentando definições bem simples como o “comunismo sendo o contrário de democracia e liberdade.”

Nessa construção do inimigo oferecida pelas palestras e manuais o ano de 1935 ocupa um lugar de destaque como simbolizando a origem da luta visível e heroica contra o inimigo. Foi o episódio da *Intentona Comunista*

revisitado bem após 1964, com a intenção de emoldurar o princípio da luta salvadora:

(...) Em 1935, cumprindo ordens de Moscou, o Partido Comunista deflagrou um movimento revolucionário destinado a comunizar o Brasil. Os principais choques da rebelião ocorreram no Rio de Janeiro e no Nordeste. A infiltração comunista nas Forças Armadas resultou na morte de vários Oficiais e Praças. Surpreendidos em pleno sono, foram covardemente e traiçoeiramente assassinados por elementos ideologicamente comprometidos com a rebelião. O movimento, contudo fracassou e o comunismo, desarticulado clandestino, procurou novas formas de articulação. (CCONCEX, década de 1980. p. 1).

No instante em que se percebeu que era necessário contar a História, ficou bem claro que não poderia haver dúvidas de que as Forças Armadas não tiveram outra saída, tinham que salvar o Brasil, pois já haviam lutado contra aqueles inimigos em 1935. E outro fato é que nem as esquerdas e muito menos os próprios *comunistas* acreditaram tanto numa possível tomada do poder quanto os militares afirmavam e pareciam, nitidamente, acreditar naquilo. E diante de tal quadro os militares que nem se importavam com a política deram razão à minoria golpista, como nos conta Jorge Ferreira:

(...) As esquerdas pareciam não se dar conta da gravidade da situação. Os militares sim. A oficialidade nacionalista e de esquerda, depois de tantos atentados à disciplina e à hierarquia, começou a ficar seriamente preocupada. O mais grave, no entanto, é que a ampla maioria dos oficiais das três Forças, afastada dos debates políticos, preocupada apenas em cumprir suas tarefas profissionais e, ao final do dia, retornar para suas casas, começou a dar razão à maioria de golpistas históricos, cedendo aos seus argumentos. (Ferreira, 2003, p. 391).

Em depoimento para o compêndio de *História Oral do Exército -31 de Março de 1964/Tomo 3*, o General-de-Exército Heitor Furtado Arnizaut de Mattos, que durante o golpe era Tenente-Coronel servindo em órgão do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), no Rio de Janeiro fala sobre a ânsia de dominação dos “subversivos” e relembra a Intentona:

(...) Pode-se depreender, do copioso material existente, que o programa de expansão da ideia motriz do movimento subversivo, desde seu início, é uma impressionante busca de conquistas, de parceiros, de posições e de dominação. Volto um pouco no tempo, mas precisamente à Intentona Comunista de 1935(...) A Intentona de 1935 foi a primeira experiência comunista violenta, sangrenta, apoiada e conduzida por Moscou no Brasil, visando à substituição do regime democrático pela ditadura do proletariado, semelhante às existentes na União Soviética e seus satélites. Nessa intentona, estão as raízes da reação ao Movimento Comunista Internacional (MCI) no Brasil, reiniciado com todo ímpeto, durante o Governo do Senhor João Goulart que, ao implantar o caos no País, obrigou o povo e as Forças Armadas a depô-lo, por meio do movimento Revolucionário de 1964. (Historia Oral do Exército, 2003, p. 30).

A conveniência de revisitar o passado está expressa na fala do velho General, que entende que foi lá, em 1935, que houve a primeira represália a tentativa de Revolução do Comunismo além de afirmar que tudo foi retomado quando João Goulart lançou o Brasil ao caos.

A Intentona Comunista foi sim uma tentativa de Golpe, duramente reprimida e derrotada conforme podemos ver em Boris Fausto:

(...) O governo que já vinha reprimindo as atividades da ANL obteve uma excelente razão para fechá-la. Isso ocorreu por um decreto de 11 de julho de 1935. Daí para a frente, enquanto se sucediam muitas prisões, o PCB começou os preparativos para uma insurreição. Eles resultaram na tentativa de golpe militar de novembro de 1935. ( Fausto, 2013, p. 308).

Todavia o governo de Getúlio Vargas reprimiu de tal forma que abriu precedentes para uma ascensão autoritária e predatória em seu governo, e um dia os militares se apropriariam desse episódio tomando para si particularmente aquela luta contra a Intentona, ignorando o próprio Getúlio, colocando-se como os heróis contra o comunismo desde 1935, convocados em 1964 pelas exigências da crise.

Na criação das esquerdas superpoderosas e comunistas a deturpação de conceitos serviu a conveniência da “*fabricação*” da História de quem

alegava ter salvado a nação, tanto que podemos observar na Palestra sobre o golpe que a obediência e o cumprimento da Constituição à época fora transformada em uma tese que venceu não um dispositivo legal:

(...) Legalmente, cabia a João Goulart, Vice-Presidente, ocupar o cargo vago. Goulart sempre perseguiu o objetivo de transformar o Brasil numa República Sindical, através do jogo de alianças, de transações eleitorais e de capitalização de recursos, viessem de onde viessem. Além do mais, João Goulart mostrava-se dócil e cooperativo face aos interesses do Partido Comunista. Sentindo a gravidade da situação, os Ministros Militares manifestaram-se contrários à posse de Goulart. Suas divergências não foram suficientes para sensibilizar a nação. Prevaleceu a tese da legalidade que assegurava a posse do Vice-Presidente. Grifos nossos. (CCOMSEX, década de 1980. p. 2).

A citação nos mostra também o ódio e descontentamento dos militares para com o Presidente João Goulart, eles o acusam de pretender transformar o Brasil em uma *República Sindical*. Jorge Ferreira em texto intitulado *O Governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964* (Ferreira, 2003 p. 374) constrói uma análise sobre a relação de Jango para com as esquerdas e podemos ver que não eram tão estreitadas assim como nos afirma a versão militar. Ele trata do momento de crise que abalou o governo do Presidente e inicia desfazendo o mito de que foi a personalidade e sua “falta de talento” que abriu margem para ações dos militares e dos setores de direita.

Afirmar que o Presidente pretendia transformar o país em *Comunista* acabava por constituir-se em uma inverdade equivocada haja vista que as esquerdas no país também tinham seus descontentamentos com Jango, além de não disporem de um aparato militar, *de fato*, para levar a cabo a tomada do poder ou resistir ao Golpe, como já mencionamos.

Ferreira afirma que logo que Jango assumiu deparou-se com exigências e demandas históricas das esquerdas brasileiras. Em referência às Reformas de Base. Além disso, devemos nos lembrar de que havia um acirramento e conflitos dentro das esquerdas, que se alinhava aos camponeses e aos estudantes. Outro ponto importante e a realidade dos quadros militares à época, sobretudo que os muitos *Praças* da Marinha,

Exército e Aeronáutica acabariam por aliar-se às esquerdas e exigirem mudanças para sua classe. Portanto, diferente de muitos soldados que depois do Golpe ouviriam *as Histórias da Revolução* sem nenhuma noção política, aqueles *Sargentos* e *Cabos*, além dos *Marinheiros* encontravam-se nesse instante politizados o suficiente para dar um susto tremendo nos oficiais e às altas cúpulas das Forças Armadas.

Vislumbrando ainda a subversão militar à esquerda, vemos no discurso oficial mais uma deturpação ideológica com a finalidade de mostrar quem eram os heróis e quem eram os vilões:

(...) O meio militar, foi motivado e influenciado. O tradicional espírito democrático das Forças Armadas foi abalado. Muitos definiram suas posições, aguardando somente a orientação e a liderança de seus chefes, no sentido de defender o regime democrático ameaçado. (CCOMSEX, década de 1980. p. 6).

O obvio equívoco cometido nessa *fala* é a tradição democrática reivindicada pelas Forças Armadas. Uma verdadeira *fábrica* de ideologias extremadas cuja solução final para os problemas da *Pátria* sempre foi o uso da força. Mas era necessário acentuar os dois lados. Se os comunistas eram definidos como contrários à democracia, logicamente ao se apresentar a “salvação” o inevitável papel dos militares deveria se legitimado pela bandeira da democracia.

Certamente a radicalização das classes populares vislumbradas sob o estigma do “*perigo comunista*”, fazia tremer os setores conservadores e os militares, contudo acreditar na fabricação de um *comunismo à brasileira* com forças reais para uma Revolução seria um equívoco descontextualizado e sem matriz real. A chamada *Tese* da legalidade não foi uma das muitas teses como a palestra tem a intenção de mostrar, sendo uma ideia que venceu. O povo queria que Jango governasse o Brasil, assim os militares e os setores conservadores tal como Washington, foram surpreendidos pela derrota inicial à proposta parlamentarista. Mas a política de conciliação que Jango adotaria depois lhe valeria críticas tenazes da própria esquerda, dos trabalhadores e sindicalistas.

Foi assim que as pressões vindas de todos os lados acabaram por isolar o Presidente, até o momento em que as esquerdas romperam com João Goulart. Esses fatores vão contra a pregação militar do posicionamento “comunista” do Presidente. E temos de ter o cuidado para sempre nos lembrar de que mesmo se “radicalizando” com discursos inflamados, o papel das esquerdas nunca passou de “*cães que perseguem os carros pelas ruas, e quando os carros param não sabem o que fazer contra algo tão grande*”.

As massas e, sobretudo, os soldados menos graduados em escala hierárquica, eram vistos como literalmente as mentes que deveriam ser conduzidas de modo a ir ao encontro com a História Oficial. O CCOMSEX foi somente uma “filial” da grande “fábrica de ideologias” que nascera em virtude de uniformizar uma bem definida linguagem para que os militares contassem a sua versão, “a verdadeira”.

A construção desse verdadeiro *imaginário brasileiro* sobre o comunismo também recebeu referências da conjuntura internacional. Não podemos esquecer que aqueles dias de crise, que culminaram com o golpe, se desenrolavam em plena *Era da Guerra Fria*, e o lado do Brasil na ordem bipolar era a zona de influência estadunidense. Aliás, desde o governo Dutra na década de 1940, o Brasil declarou seu apoio incondicional aos Estados Unidos contra a União Soviética.

A conjuntura na qual se encontrava o Bloco Socialista não favorecia uma Revolução no Brasil. Havia crises domésticas e divisões principiadas pela ascensão de Nikita Kruchev ao posto de *Secretário Geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética*, por ter denunciado os crimes e o culto a personalidade de seu antecessor, Josef Stalin. Antes disso a tese stalinista de *socialismo em um só país* vencera dentro da União Soviética, esses dois pontos servem para elucidar as raras exceções de levantes e revoluções socialistas dentro da zona ocidental conforme podemos ver em E.J.Hobsbawm:

(...) O fato de essa grande crise do bloco soviético não ter sido explorada pela aliança ocidental (a não ser para fins de propaganda) demonstrou a estabilidade

das relações Oriente-Occidente. Os dois lados aceitavam tacitamente as zonas de influência um do outro, e durante as décadas de 1950 e 1960 nenhuma mudança revolucionária local surgiu no globo para perturbar esse equilíbrio, com exceção de Cuba. (Hobsbawm, 1995, p. 387).

Pensando no Brasil em contexto de Guerra Fria, é importante ressaltar que toda a América Latina fora inserida nessa ordem de vislumbrar o inimigo prestes a atacar. A propaganda, conservadora e aliada a interesses estadunidenses, construiu visões de ameaças pelo continente, o que recebeu um acréscimo favorável às alternativas de golpes militares, sobretudo com o tão citado caso cubano. Foi então que com o patrocínio estadunidense os ditadores (outrora ocultos nas sombras dos quartéis) saltaram para aventuras sangrentas que se tornaram características que serviam como precaução para evitar novas “Cubas” e unia o chamado Terceiro Mundo, em uma realidade bem sombria, descrita por E.J Hobsbawm:

(...) Na verdade, a predominância de regimes militares, ou a tendência de neles cair unia Estados do Terceiro Mundo de diversas filiações constitucionais e políticas. Se omitirmos o corpo principal dos regimes comunistas do Terceiro Mundo (Coréia do Norte, China, as republicas indochinesas e Cuba), e o regime a muito estabelecido oriundo da Revolução Mexicana, é difícil pensar em quaisquer repúblicas que não tenha conhecido pelo menos episódicos regimes militares depois de 1945.(Hosbsbawm,1995, p.340).

O Brasil foi o primeiro Estado Democrático de Direito, na onda da rivalidade estadunidense-soviética, a cair na América Latina por haver a necessidade de combater inimigos com potencial *fictício* de promover a Revolução Socialista. Aliado às propagandas internacionais e os mitos sobre os comunistas tão cruéis que circulavam no mundo ocidental, nossos militares estiveram no caminho certo ao ter teorias, as mais variadas, para cumprir a missão de fabricar o “contra quem estamos lutando”. Nunca os palestrantes da *Revolução Democrática* citariam os ecos da Guerra Fria, como, por exemplo, o patrocínio estadunidense.



Para eles deveria ser apresentado algo nacional, patriótico e sem influência estrangeira, aliás, a única menção internacional deveria ser no apontamento do inimigo como já mostramos. Nunca as Forças Amadas do Brasil se apresentaram como correspondentes dos interesses ideológicos internacionais contra o socialismo, mas havia a preocupação de deixar claro e bem explicado que foi um cumprimento de dever “*constitucional e democrático*”, *para atender o chamado do povo*.

Foi assim, atendendo ao “*pedido do povo*”, “*em nome da democracia*” e acentuando a “*vocação ordeira*” das Forças Armadas, que saiu da fábrica de ideologias os comunistas que nós nunca tivemos.

Inimigos apresentados, ameaças à segurança nacional identificadas, *monstro comunista* como perigo iminente, são justificativas tradicionalmente presentes (ainda hoje) nas rotinas militares, e seguindo a “receita” universal dos tiranos da Humanidade, no instante em que tais adversários lhes faltavam, os “soldados da pátria” os inventaram à medida que era conveniente, e hoje ainda vemos isso. Assim indivíduos inocentes seriam presos, torturados e mortos acusados de serem *comunistas* e *subversivos*, ou se continuassem vivos partiam para o exílio (de onde, um dia, voltariam ou não).

Recentemente houve a tentativa de reedição da “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”, e mesmo após a derrota do socialismo real como alternativa histórica no início da década de 1990, muitos surgem para apontar o perigo comunista, como vemos noticiado no Jornal Folha de São Paulo:

(...) RIO DE JANEIRO - Um grupo de ativistas promoverá neste sábado, em São Paulo e em outras 200 cidades, a ‘marcha da Família com Deus’, para fazer frente a um ‘golpe comunista marcado para este ano’- a ser adotado, segundo eles, pelo PT e seus aliados. A passeata será uma reedição da ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’, que no dia 19 de março de 1964, protestou contra a ‘ameaça comunista’ e contribuiu para a queda do presidente João Goulart (2014).

Eventos como este, têm surgido pelo Brasil pedindo expressamente a intervenção militar. Podemos ver então que o *inimigo fabricado*- embora inexistente e improvável -ainda tem sobrevida no imaginário dos partidários conservadores do período militar no Brasil. Além do mais, a direita sempre cortejou ações autoritárias e sempre esteve pronta a recorrer às soluções de força, se preciso fosse para barrar os *comunistas*. Mesmo jamais havendo condições reais de o Brasil ser uma “nova” Rússia ou uma Cuba “continental”, as esquerdas foram demonizadas de tal forma a parecer um inimigo que continua por aí.

A primeira contradição que podemos citar é que o “comunismo contrário à democracia” iria fomentar uma Revolução para que se implantasse uma ditadura de esquerda, e a solução foi uma Revolução chamada de democrática (ironicamente), que, na verdade, foi um Golpe de Estado cumprindo o mesmo mal que o comunismo traria para salvar a nação da outra ditadura.

Confuso? Sim! Lógico? Não! Mas é essa a explicação na prática apresentada, a Revolução Democrática (Golpe de Estado), impediu um Golpe Comunista de implantar uma Ditadura de Esquerda. E o Regime Militar (Ditadura) garantiu as liberdades e a democracia (censura, torturas, mortes e autoritarismo), sendo um “mal necessário”.

Apresentado o inimigo, observemos então os heróis. As Forças Armadas do Brasil se sustentam em dois pilares dos quais extraem seus sentidos e razões de ser: a hierarquia e a disciplina, como aprendi em minha formação militar. Assim todo um ordenamento existe de modo a exigir dos Soldados um padrão de *ser* e *estar* onde o rigor e rusticidade são evidentes, haja vista que a finalidade de tais Forças existirem é a realidade do caos e colapso da paz.

Para viver a realidade da *guerra* todo militar deve eliminar sua individualidade e passar a fazer parte da tropa, que deve ser indivisível e muito bem organizada para que, diante do perigo, a vitória seja alcançada. Por tudo isso e mais um pouco a vida militar é, *de fato*, construída com rotinas atípicas se comparadas às quais todo cidadão civil é habituado.

Ouvi dizer dentro da caserna que “o militar não tem uma profissão, mas um sacerdócio”, pois a nobreza de sua *missão*, a missão de defender a *Pátria* (dando sua própria vida se necessário), consiste em servir. Servir ao Brasil, ao *Estado* e ao *Povo*. Servir e defender, porém essa realidade de nobre servidão, a qual fornece uma disciplina que emoldura gerações de jovens anualmente, tem sua face assustadora quando olhamos para a fábrica de ideologias que pode vir a ser um militarismo compromissado com extremadas e deturpadas concepções políticas.

É obvio que a versão da História que encontramos dentro das Forças Armadas sobre o período de 1964 a 1985 é construída sem a observância das liberdades democráticas, em contraste com a nobre missão de defender e servir. Além de doutrinar as gerações que são levadas pelos ventos do autoritarismo à crença de que o Brasil fora salvo por uma “*Revolução Democrática*” que implantou um “*Regime Legítimo*”, que por sua vez, não permitiu que os brasileiros sucumbissem ao “perigo comunista”, essa versão Histórica é apresentada como “legítima”, “verídica” e incontestável.

Visto isso, daremos atenção ao papel que a Instituição militar se confere, em um protagonismo fabricado de *alto-exaltação* contra os inimigos os quais já apresentamos a “origem”, e comecemos por analisar na Palestra como o papel militar aparece:

(...) A 31 de março de 1964 a nação brasileira, vilipendiada por um governo irresponsável e infiltrado de comunistas, levantou-se na defesa de sua vocação ordeira, pacífica e cristã. O BRASIL estava sendo corroído pelo caos político, econômico e social. Aquele corajoso e patriótico movimento refletiu o repúdio de sua gente à subversão, aos desmandos e à estagnação. O comunismo internacional, mais uma vez, teve frustrada sua permanente cobiça pela nossa Pátria. (...) O Exército, fiel às suas tradições de intérprete das legítimas aspirações populares, uniu-se às demais forças vivas da nacionalidade na defesa da democracia. (CCOMSEX, década de 1980.p.1)

O apelo às crenças tradicionais e conservadoras da sociedade (até mesmo o cristianismo, tornando assim a “missão militar” também uma questão de *fê*) busca apresentar a Intuição Exército como sendo, de fato,

aquela que está pronta a livrar a nação do “*mal*” explícito no perigo iminente da *Revolução Socialista*.

Eis um momento da construção da boa imagem. A imagem do *bem* desprovida de interesses pessoais, comprometida com os interesses da nação que não permitiria que os “vermelhos” tomassem conta do país. É a clássica apresentação dos heróis – os soldados que unidos formam a instituição e é ela quem será a protagonista da *História verdadeira*.

A atenção que se dá ao cenário nacional de caos como sendo uma “doença” cuja qual só o Exército detinha, ou era, a cura é muito bem enfatizada para que se explore a imagem de benefício à pátria que aquela “*Revolução*” trouxe. “*O BRASIL estava sendo corroído pelo caos político, econômico e social*”, e não havia mais o que fazer... *Foi por isso* – diria um jovem oficial palestrando sobre o 31 de março- *que vencemos os comunistas e salvamos o Brasil*.

O discurso oficial do Exército carrega em si algo particular, a exaltação da Instituição. Nenhum *herói* nacional ou *patrono* é maior que a instituição. Daí a raiz da explicação da razão de ter havido um rodízio entre os Presidentes militares, e não o monopólio de uma única figura, caso do Chile com o General Augusto Pinochet. Era a Instituição militar quem liderava o Brasil.

Ela, a instituição, é apresentada como “*fiel às tradições de intérprete das legítimas aspirações populares*”. Interessante e assustador, a um só tempo, é a construção dessa frase que envolve *fidelidade e interpretação* da *legítima* vontade do povo. Esse é o momento em que os militares se gabam de terem, de fato, atendido o chamado do povo. Então chegamos à famigerada “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”:

(...) No dia 19 de março, seis dias após o comício da Central do Brasil, numa espontânea manifestação popular, reúnem-se no centro da cidade de São Paulo, mais de 800 mil pessoas para protestar contra o caos político, econômico e social em que vivia o Brasil. O movimento ficou conhecido como ‘*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*’. Foi um espetáculo comovente, no qual as mulheres brasileiras levaram à público sua participação na resistência ao movimento

subversivo instalado pelo próprio governo com apoio das esquerdas. (CCOMSEX, década de 1980.p.7)

Essa é a clássica explicação do militar conservador: “o povo pediu”. Mas aquele *povo* estava muito longe de representar o Brasil *de fato*. Era a *classe média* que cumpria muito bem seu papel contra a democracia.

A palestra tem o cuidado de selecionar palavras como “*comovente*” para descrever o espetaculoso “*pedido de socorro*” dos brasileiros. O impacto que tais colocações tinham diante de um público podia ou não ser arrebatador. Além disso vemos um apelo às mulheres e à família :

(...) Sem archotes, sem gritos de protestos ou ‘slogans’, apenas com cânticos e rosários nas mãos, o povo saí às ruas para, numa demonstração de fé cristã e apelo aos verdadeiros brasileiros, expor o repúdio ao totalitarismo e a esperança em salvar o Brasil das garras do comunismo. (CCOMSEX, década de 1980.p.7)

O apelo às tradições, família e até religião propicia um marketing estratégico para a promoção da imagem da Instituição salvadora. Esse caminho ideologicamente endereçado visava conduzir a aceitação da tropa, dos alunos dos colégios e de qualquer um que estivesse presente nos auditórios onde tal palestra fosse ministrada de que o bem prevaleceu sobre o mal, como sendo também uma resposta de Deus à manifestação de fé das famílias. Então a intencionalidade era assumir um caráter *providencial*, que soasse como a “vontade divina” na terra contra o comunismo. Exagero? Mas a *fabricação* da Instituição Salvadora teve esse intento. Contudo o que veio depois provou que nada havia de *democrático e cristão* naquilo tudo, tanto que seria até conveniente chamar aquele episódio de “*marcha da família sem Deus contra a liberdade*”, haja vista ter sido incompatível com palavras e conceitos como *democracia e liberdade* às duas décadas de Ditadura.

Os defensores da Instituição salvadora também não admitem que dentro das próprias Forças Armadas haviam divisões ideológicas e políticas,

conforme podemos vislumbrar em trecho da Palestra que descreve aquele *dia da mentira*:

(...) O dia 1º de abril, começa com a alvissareira notícia de que seis Estados (...) estavam rebelados contra JANGO e tudo o que representava. Mas o dia também é de apreensões. Tropas do I Exército defrontam-se com as da 4ª RM, na região de Areal e com o II Exército e AMAN na região de Resende. Mas não houve o primeiro tiro! E por que não houve Batalha, a guerra civil? Porque, na verdade, não haviam diferenças ideológicas entre as forças militares em confronto. Os militares compreenderam que seu único compromisso era com a Pátria. Que a coesão era indispensável para a preservação dos princípios democráticos, tão seriamente ameaçados. A nação foi preservada dos dolorosos sacrifícios impostos por uma luta fratricida. (CCOMSEX, década de 1980.p.8)

Para que a unidade e coesão da Instituição fosse passada ao longo do tempo sempre que a História fosse contada, era necessário fabricar essa união uniformemente planejada e nunca admitir a existência de indivíduos que pensavam diferente do “discurso oficial”, e antes daquele 1º de abril o país já havia visto aquela divisão dentre os militares em episódios como o que nos conta Jorge Ferreira:

(...) Embora Goulart soubesse dos perigos que seu governo corria, certamente apostou em riscos calculados. Contudo, ainda naquela semana, pequenos acontecimentos, aparentemente irrelevantes, iriam detonar a maior crise de seu governo. O ministro da Marinha, Silvio Mota, proibiu a realização de um ato público em que os subalternos da Marinha de Guerra comemorariam o segundo aniversário de fundação da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, com a presença de autoridades militares. Contrariados, eles programaram um novo ato, agora no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. De uma simples comemoração, o evento tomou rumos reivindicatórios: na pauta exigiram o reconhecimento oficial da entidade, a melhoria das condições de vida e alimentação digna nos navios. Silvio Mota reagiu ordenando, no dia 24, a prisão de 12 dirigentes da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais. Depois, no dia seguinte, data marcada para festejar a comemoração de fundação da entidade no Sindicato dos Metalúrgicos, mandou prender outros 40 marinheiros e cabos que organizaram o encontro. O ministro da Marinha enviou uma tropa de 500 fuzileiros navais apoiados de 13 tanques

para invadir o prédio do sindicato e retirar de lá os marinheiros, vivos ou mortos. (Ferreira, 2003, p. 387).

Contraponto apresentado, vemos então que embora a citação refere-se à marinha, as divisões e divergências, sobretudo de natureza política, era uma realidade interna nas Forças Armadas. Mas tal divisão foi apagada paulatinamente no instante em que o grupo minoritário de aspirantes a golpistas venceu com seu projeto essas divergências. Depois os militares que fizeram parte de motins e ensaios de levantes em favor ou pro Jango, receberiam o expurgo da História que os reconheceriam para sempre com e como “*subversivos infiltrados*”. A mística que emoldura a Instituição não poderia contextualizar divisões. A infiltração do *bem* pelo *mal* veio a calhar.

## Capítulo II.

### *O discurso reproduzido pela sociedade civil:*

#### *Os clamores às soluções de força e a construção da fala em favor da democracia.*

Os militares escreveram sua versão da História colocando-a em pedestal como “legítima” e “incontestável”. Tal pregação da “verdade histórica” arrebatou a sensibilidade de uma parcela da sociedade brasileira que, notoriamente, identifica-se com os ideais de um Brasil longe do perigo do socialismo. Em nossos dias, após 50 anos do golpe, a corrupção política desperta manifestações nas ruas cujas pautas nem sempre correspondem à realidade da vida nacional. Exemplo disso é a errônea identificação do Partido dos Trabalhadores-PT, da atual governante da nação, com um iminente golpe comunista, como que nos tempos da Guerra Fria, temos pessoas (alucinadamente à direita) que identificam o Brasil caminhando para uma “cubanização” e vendo o PT “comunista” corromper o país.

Que os militares protagonizaram o Golpe é fato, pois se colocaram na vanguarda dos acontecimentos, mas um ambiente favorável também foi *fabricado* pelos civis. Aquelas gerações que apoiaram o golpe não tiveram somente seus filhos biológicos a engrossar as passeatas de protestos reivindicando a intervenção militar contra o governo em 2015, mas deixaram junto sua ideologia que insiste em vislumbrar, no século XXI, um Brasil ameaçado por um golpe socialista iminente.

Nem só de ódio as massas se movem. Devemos nos lembrar que como aquela fala oficial do Exército se espalhou pelos setores conservadores e de



direita ao longo de toda a época da Ditadura, uma contra resposta em favor da democracia também se forjou naqueles mesmos momentos. E entender a ligação da cultura com a política torna-se importante.

Para vislumbramos o fortalecimento dos discursos em prol da democracia devemos construir uma análise da trajetória político- cultural brasileira durante a Ditadura Militar , para que entendamos os processos de transformações decisivos (no mundo e no país) que foram determinantes para forjar a sociedade brasileira nos fins da década de 1980 e início dos anos 90. Houve sim resistência cultural aos militares, mas os mesmos também dariam uma contrapartida que os beneficiaria: eles também atuariam no campo da cultura. A compreensão dos embates entre os lados envolvidos, das ideologias postas na época e mesmo os sonhos de gerações que pereceram sem realizar suas revoluções também devem cadenciar uma análise da resistência democrática ao discurso fabricado pelo Regime. Assim começemos a vislumbrar os momentos que fortificaram o clamor contra a Ditadura.

A década de 1960 foi um momento em que os extremos culturais, políticos e sociais convergiram-se em uma erupção que deu origem a uma geração que se propunham a arrastar o mundo para pequenas e grandes revoluções. Despontava assim os indivíduos rebeldes, militantes, artistas, pintores poetas que faziam frente às Ditaduras Militares que nasciam na mesma época.

Em campo internacional, tudo era romântico e revolucionário: uma divisão internacional nos Partidos Comunistas nasce das denúncias do ousado Secretário-Geral do PC Soviético- Kruchev denuncia o finado Stalin; jovens franceses irradiam uma mensagem ao mundo com vontade de mudá-lo, 1968 seria o ano que não acabou; Martin Luther King mobiliza os negros contra a segregação racial nos EUA; Guevara é o imortal mito do herói para as esquerdas e todo movimento social que se comprometesse a “fazer a revolução”.

No âmbito nacional, já no imediato pós- golpe de 1964, os artistas seriam a força que mais conseguiriam se organizar, haja vista terem sido

extremamente dificultados as mobilizações de classes populares restando ao grupo de intelectuais à missão de figurar na vanguarda dessa primeira geração de resistência.

Nestes termos a cultura e a política estiveram muito bem relacionados nos anos terríveis da Ditadura, e as esquerdas não tardaram a ficar inseridas nesse contexto:

Nesse período, como testemunhou Carlos Nelson Coutinho, ‘a esquerda era forte na cultura e em mais nada. É uma coisa estranha. Os sindicatos reprimidos, a imprensa operária completamente ausente. E onde a esquerda era forte? Na cultura.’ Em seu celebre ensaio da época, Roberto Schwarz (1978) chegou a falar em ‘hegemonia cultural’ da esquerda.(Ridenti,143,2003).

O Brasil daqueles dias estava em marcha conforme a conjuntura mundial no que diz respeito a aspectos do cotidiano do cidadão comum: popularização dos eletrodomésticos, mais acesso às universidades, crescente classe média, etc, E também o Teatro se tornava forte nos grandes centros de cidades importantes como São Paulo e Rio de Janeiro. Contra a Ditadura veio o movimento de contracultura, tropicalismo e a fortificação de mitos forjados nos utópicos ideais das esquerdas internacionais com o exemplo de uma pequena notável- a Revolucionária Cuba com um mítico Che Guevara inspirava uma juventude que se investia de compromissada para com a sociedade.

A política seria inseparável e quase indistinguível dos movimentos culturais- intelectuais, e tal relação daria a luz às relações de combates onde a opressão e perseguição a muitos militantes fariam com que surgissem obras magníficas com teor proposital de contestação. Outro fator importante é que vivia-se a Guerra Fria e o Brasil era aliado estadunidense, mas isso não impediu de que houvesse a aposta de muitos na ética social inspirada no próprio socialismo.

Como já vimos, as esquerdas seriam derrotadas fora do campo cultural. Não levariam a cabo a resistência armada, mas ofereceriam resistência por meio das intelectualidades. Foi assim que surgiram os anos

de 1970, quando percebeu-se que a revolução social fora derrotada não só pelos militares, mas pela conjuntura do capitalismo e da sociedade que se formou. Então temos a afirmação de uma intelectualidade de esquerda forjando a frente contra a fala fabricada nos quartéis

Lá fora, Richard Nixon teve seu Watergate e se foi; a China ficou mais próxima dos EUA do que da URSS; o premiê Nikita Kruchev fora sucedido pelo neo -stalinista Leonid Brejnev; e 1968, *o ano que não acabou*, acabou sim, já que aqueles jovens não levariam a concretude seus grandes sonhos de revolução social. E no fim, pouca coisa mudaria.

Aqui dentro, *um vampiro*, personificaria o que houve de pior na Ditadura: Emilio Garrastazu Médici foi o general –presidente cujo governo cumpriu a risca o que estava prescrito no Ato Institucional nº 05. Os anos 70 assim foram um balde de água fria nos sonhos revolucionários, sobretudo pela evidente vitória do conservadorismo internacional e nacional nas figuras e eventos supracitados, e conforme podemos ver em M. Ridenti:

Com a derrota das esquerdas brasileiras pela ditadura e os rumos dos eventos políticos internacionais nos anos de 1970, perdeu-se a proximidade imaginativa da revolução social, paralelamente à modernização conservadora da sociedade brasileira e à constatação de que o acesso às novas tecnologias não correspondeu às esperanças libertárias no progresso técnico de si. Então ficou explícito que o florescimento não bebia na fonte da eterna juventude; e o ensaio geral de socialização da cultura frustrou-se antes da esperada revolução brasileira, que se realizou pelas avessas, sob botas militares, que depois promoveriam a transição lenta, gradual e segura para a democracia, garantindo a continuidade do poder político e econômico das classes dominantes. ( Ridenti, pg.154, 2003)

Marcelo Ridenti conta ai o desfecho da relação política e cultura. O retorno á democracia seria feito ao som dos toques de cornetas militares de modo lento – gradual – seguro, fortificando as classes dominantes na acunhada “Nova República”. Nela muitos ex-militantes intelectuais e artistas, passariam a figurar com uma classe média que fora engolida pelo sistema que contestaram no Regime e regozijada em forma de beneficiários do capitalismo.

A relação política - cultura sofreu metamorfoses ao longo do tempo em que, na Ditadura, os jovens perderam a juventude tendo de enfrentar a vida de responsabilidade de pais e mães, e o sistema passou a também patrocinar eventos e os meios culturais. As universidades se beneficiaram muito com a Ditadura, mesmo tendo sido espaços onde a “resistência” de formara.

Cultura e política foram ingredientes fundamentais para que a transição de “nossa idade das trevas” para os dias atuais fosse possível, e para que paralelo e contra a *fala do mal* forjássemos o *discurso do bem*. Mesmo com o triunfo das classes dominantes, o legado dos embates e contrapontos que existiram na evolução das relações sociais oriundas da cultura/política hoje pode ser vislumbrando como um dilema histórico: magnífico, pelo brilhantismo da oposição em muitas musicas e obras contra a Ditadura; e intrigante pelos rumos que as gerações de intelectuais em sua maioria tomou, por tombar antes de alçar voo revolucionário. Em suma a riqueza cultural floresceu a medida que os dois lados atuaram politicamente nesse campo; os militares não estão mais no poder e aqueles dias formam um passado que temos de combater; o sonho acabou e a vida continuou para aqueles engolidos pelo sistema que não o mudaram, terminaram como frutos de mudanças dele próprio. Mas a resistência, e o valor da democracia, permaneceu pétreo na consciência e espírito de muitos brasileiros.

O valor da Democracia para o Brasil, passados 30 anos de redemocratização, deve ser defendido, fazendo frente às forças malignas . Tudo o que houve antes, hoje em evidencia, apresenta-se como um triste capítulo da História nacional como sendo um dos períodos mais expoentes das vertentes autoritárias arraigadas às tradições antidemocráticas brasileiras. Nossas origens, coloniais escravagistas, acabaram por ser emolduradas pelas sangrentas soluções de força.

Em três décadas da chamada Nova República o Brasil mudou de face. A Ditadura, embora com suas heranças tão presentes e vivas, deixou de ser o inimigo visível contra o qual o povo deve lutar e a corrupção política passou a figurar como antagonista na ordem do dia. Foi assim que,

enganada, uma geração pintou a cara e foi á rua gritar “FORA COLLOR!”, em um cenário típico dos anos de 1990, onde o neoliberalismo triunfava e a Guerra Fria (e tudo o que ela implicou e significou) era parte de um passado. O capitalismo vitorioso como alternativa histórica, sobre as cinzas do outrora socialismo real de tipo soviético, agora abraçava o mundo. E nós nesse novo *vale-tudo* de privatizações, consumismo como estilo de vida e liberação do mercado caminhamos rumo aos anos 2000, com corrupções a níveis extremos de nossos políticos, mas em uma democracia...

Democracia, essa palavra significa muito e carrega em si um poder que do povo foi usurpado e usado contra ele antes. O poder da Democracia no Brasil atual se revela quando, por exemplo, vemos os homens fortes do partido que está no poder, após julgados, serem condenados e irem á prisão. Algo inimaginável antes, que dizem (apenas dizem) que não havia corrupção, sem levar em conta que era uma Ditadura.

O brasileiro, apesar dos pesares, reconhece contra o que deve lutar e contesta de frente aquilo que deve contestar. Sem medo de saírem de suas casas e nunca mais voltar, sem ameaça de repressão física ou tortura, nos últimos anos vários cidadãos foram às ruas protestar contra o que lhes incomodava. E mesmo que fosse momentânea a vontade de mudar (já que o gigante parece ter voltado a dormir), tal movimentação é uma centelha democrática e também uma manifestação da liberdade.

O valor que se deve tributar a vida democrática e a liberdade do povo é ausente do contexto e do cotidiano do cidadão brasileiro tipicamente de direita, sobretudo por haver críticas exaltadas ao governo que dão a entender que os problemas da nação são culpa exclusiva de quem está no poder, ignorando todo um passado racista, desigual, elitista, e é claro ultra-autoritário da formação nacional. Nessa cegueira política, com um saudosismo ridiculamente cortês às soluções de força, indivíduos apelam para que morram as liberdades. Vimos isso, agora pouco, na tentativa de reedição da chamada “Marcha da família com Deus, pela Liberdade”. O nome que mais caberia à marcha original ou ao seu arremedo seria, é obvio, “Marcha da Família, sem Deus, contra a Liberdade”, haja vista que o que há

é um pedido para que a ordem constitucional em um Estado Democrático de Direito seja ceifada.

Para contrapormos essas falas e discursos de ameaça socialista ou comunista temos de elencar pontos importantes, e o primeiro deles é a derrota do socialismo real em fins da década de 1980 e início dos anos de 1990.

O socialismo perdeu a disputa, como alternativa histórica, por ser incapaz de enfrentar um capitalismo superpoderoso devido aos seus próprios males, como podemos ver com Hobsbawm:

Mas não foi o confronto com o capitalismo e seu superpoder que solapou o socialismo. Foi mais a combinação entre seus próprios defeitos econômicos, cada vez mais evidentes e paralisantes, e a acelerada invasão da economia socialista pela muito mais evidente dinâmica, avançada e dominante economia capitalista mundial. (Hobsbawm,1995, p.247).

O socialismo que muitos temem foi levado á órbita no século XX, sendo assim *o comunismo nunca chegou a ocorrer de fato*, já que os países que se aventuraram a fazer suas Revoluções deturparam as ideias socialistas, congelando-se em ditaduras que destoavam paradoxalmente da vitória democrática que deveria coincidir com a vitória do proletariado como classe revolucionária. Não houve governo socialista eleito, com uma rara exceção no Chile rapidamente ceifada por um Golpe Militar, no emblemático 11 de setembro de 1973, onde o General Pinochet derrubou o socialista eleito Salvador Allende.

A parcela da sociedade que *teme* o socialismo e reproduz a fala fabricada sobre o “*perigo comunista*” certamente não vislumbra o brasileiro como um povo compromissado com a livre iniciativa, economia de mercado, livre concorrência, meritocracia e outros termos reais e visíveis do capitalismo que foram construídos historicamente.

O segundo ponto que devemos atentar é que tal como no passado as atuais esquerdas não tem possibilidades de deflagrar o “terrível golpe” ou

Revolução. Estamos diante de um Brasil sem grandes projetos políticos, tanto à esquerda quanto à direita, cuja impotência político-partidária se confirma pelo emaranhado de corrupção que parece ser o único grande compromisso dos pequenos e grandes partidos. Assim podemos apontar um quadro realista de partidos teoricamente esquerdistas divididos por interesses que ofuscam suas antigas e lendárias bandeiras tendo um surto de vez em quando na tentativa de retomar a luta romântica do século anterior, mas que rapidamente se desfaz quando se percebe que não é mais possível se cobrir com o manto rasgado das vertentes mais variáveis do socialismo.

O brasileiro do século XXI não é capaz de acreditar no sepultado sonho de revolução social onde levas de trabalhadores unam-se para derrubar seus patrões. A verdade é que o indivíduo quer permanecer assim, no seu modo de vida mais particular o possível vivendo de seu trabalho que proporciona uma sobrevivência sem a contestação às injustiças.

Um terceiro ponto faz referência à juventude corrompida pelo marxismo nas escolas e universidades. Um mito. Uma inverdade que perdurou desde aqueles momentos sombrios em que o Brasil sentia o peso da ditadura militar, quando uma mocidade embalada por sonhos e compromissos sociais, de fato, lutava por aquilo que acreditava. Os militares vislumbravam o perigo do meio estudantil, como vemos na palestra sobre o Golpe:

(...) O meio estudantil é um dos alvos prioritários do Partido Comunista. Representa um potencial celeiro de líderes comunistas. O estudante serve de escudo protetor para o Partido, face as naturais restrições que os órgãos de segurança encontram diante dos grupos decididos e doutrinados. A infiltração comunista atingiu o ensino em todos os seus graus: primário, secundário e universitário, contando com a orientação e apoio do Ministério da Educação e Cultura, totalmente dominado pela ação marxista-leninista (CCOMCEX, década de 1980. p. 4).

Hoje muitos vislumbram o mesmo perigo nas aulas de História e demais ciências humanas. E é claro não só culpam os professores pela illusória doutrinação, mas também o aparente aval do governo para essa

pregação marxista (que no fim não faz efeito nos estudantes em massa). A juventude que o discurso fabricado faz referência hoje, localiza-se também no mesmo quadro dos trabalhadores ainda pouco citados.

Sem causa e sem nenhuma perspectiva de projeto real para a construção de um Brasil compromissado com qualquer coisa, não tem nenhuma possibilidade de ser uma ameaça que venha a engrossar as fictícias fileiras da Revolução iminente.

A juventude deliberadamente se perdeu em um descompasso social evidente desde a vida nos bancos escolares, onde 80% encontram-se lá por obrigação de passar pela escola sendo os 20% (quando possível) pequenos estudantes sonhadores que almejam a inserção bem sucedida no mercado de trabalho, bem longe de qualquer experiência social, já que desde cedo o capital tornasse o objetivo final da vida.

Na universidade a famigerada doutrinação por algum tempo pode sim ocorrer e fazer um efeito momentâneo como resultado dos discursos apaixonados dos Professores que se formaram em outros tempos, contudo ao término de qualquer curso o novo profissional já sabe que não pode lutar só já que o mundo frio e desumano do trabalho o abarca como mais um trabalhador especializado em dada área.

O quarto é último ponto é o poder evidente do dinheiro sobre tudo o que pode comprar. O triunfo do capitalismo literalmente comprou vidas, sonhos, sociedades. Não há espaço para nenhuma sobrevivência do socialismo, sobretudo em um Brasil com a realidade que vimos nesses pontos. Mas a ferocidade com a qual “o perigo comunista” ainda é difundido faz dos indivíduos utilitários do discurso pessoas determinadas a não entender que acabou a Guerra Fria, o socialismo morreu, o Brasil é outro e que o PT não é comunista, por mais que se esforce para fazê-los compreender. Em uma sociedade moral e politicamente desorientada o ódio tem vez para fomentar e propagar visões distorcidas da realidade.

O ódio insano com o qual a sociedade civil de agora destila seu veneno contra o atual governo ofusca as atuais gerações de militares



descompromissados com qualquer pretensão política. Certamente as conquistas sociais dos brasileiros mais humildes (da última década de governo do corrupto Partido dos Trabalhadores) aguçaram a ira da classe média e outros setores herdeiros do espírito maligno da década de 1960.

Tais avanços, na América Latina, desmistificam uma ideia de um governo da esquerda tradicional. Em relação ao Brasil, como podemos ver em Boris Fausto:

O governo de Lula escapa a uma caracterização fácil. Como todo governo viável no Brasil, constituiu uma criatura híbrida, que incorporou um amplo leque de forças sociais e políticas- neste caso, amplíssimo- não raro com sinais opostos. Com bom desempenho da economia, o aumento da arrecadação federal, a cooptação de setores de movimentos sociais e sua habilidade de político e comunicador, Lula conquistou e manteve uma ampla base de sustentação. Foi mais um governo de “centro” do que um governo de “esquerda”, não obstante a prioridade real e simbólica atribuída à “inclusão social”. Da mesma forma, foi antes um governo que de continuidade do que de ruptura com o governo de FHC, apesar do empenho de apresentar-se política e ideologicamente de outra forma. Recuperou temas e políticos ligados à tradição nacional-estatista, mas não hostilizou o setor privado, em geral, nem o capital estrangeiro, em particular. Buscou reforçar as alianças com o dito “Sul emergente”, sem no entanto ter rompido com o “Norte desenvolvido”. Foi um governo bem-sucedido, como demonstrado pela evolução dos principais indicadores econômicos e sociais em seu período e pela vitória de sua candidata à sucessão de Lula, apesar de atribuir a si mesmo méritos excessivos desconsiderando o que haviam feito governos anteriores e as circunstâncias internacionais extraordinárias favoráveis sob as quais conduziu o país. De uma ótica positiva-predominantemente na sociedade brasileira e no exterior- o governo Lula sobressai pela racionalidade na gestão da política econômica e pela prioridade atribuída à área social, combinação traduzida em aceleração do crescimento, com inflação sob controle, aumento do emprego e da renda, emergência de uma “nova classe média” e redução da pobreza. Em contraste com outros governos ditos de “esquerda” na região, o de Lula não manejou a economia arbitrariamente com vistas a produzir ganhos sociais a curto prazo. (...) De uma ótica negativa, surge como um governo que promoveu amplo loteamento partidário da máquina pública, banalizou casos graves de corrupção envolvendo membros seus e de seu principal partido de sustentação, valeu-se da mistificação para atribuir a si próprio um papel único na história do Brasil, abandonou as reformas pendentes, preocupado apenas em acumular capital político( Fausto,2013, p.559).

Onde está o Partido dos Trabalhadores e seu comunismo? Onde estão as “pretensões ameaçadores de Revolução” para o Brasil? Boris Fausto apontou um governo que não teve grandes compromissos com a esquerda tradicional, o descrevendo como de “centro”. Além disso, podemos ver que não houve o enfrentamento do capital estrangeiro e nem a hostilização do setor privado.

Certamente a ideia de termos um ex-operário como Presidente da República sempre assustou as classes conservadoras e os setores mais a direita. A vitória de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições que o levaram ao posto de Chefe de Estado e de Governo do Brasil carrega na História nacional um simbolismo que manda uma mensagem ao status quo das tradições elitistas brasileiras: o trabalhador que se forjou em um partido de esquerda chegou ao governo.

Essa realidade assombrou as gerações que clamam por soluções de força contra a democracia brasileira, e os motivos para aflorar o velho ódio que destrói democracias vieram em um esquema de corrupção envolvendo os homens fortes do presidente foi revelado em 2005 no que seria chamado de mensalão:

(...) Na primavera de 2005, o líder de um dos menores partidos do Congresso (havia então uma dezena deles), pressionado depois que um de seus homens de confiança foi filmado recebendo propina, reagiu com a revelação de que o governo comprava o voto dos deputados de modo sistemático pagando 7 mil dólares ao mês para cada um deles, assegurando assim a maioria da Câmara. O encarregado da operação era o chefe de gabinete de Lula no Palácio do Planalto, José Dirceu; o dinheiro era proveniente de fundos ilegais controlados pelo PT e distribuído pelo seu tesoureiro, Delúbio Soares. Poucas semanas depois dessa bomba, um assessor do irmão do presidente do PT, José Genuíno, foi preso ao tentar embarcar em um voo com 200 mil reais em uma mala e 100mil dólares escondidos na cueca. Um mês depois, o chefe de campanha da candidatura de Lula à presidência, Duda Mendonça- uma celebridade no meio da propaganda- confessou que sua campanha fora financiada pelo “caixa dois” obtidos de bancos e empresas interessados, em uma violação da lei eleitoral, e que ele mesmo havia

sido recompensado por seus serviços com o depósito de dinheiro numa conta nas Bahamas.. (ANDERSON, 2011 p. 25).

Um governo democraticamente eleito dava motivos para o discurso de ódio ser nutrido e reforçado. Mas falar contra a corrupção dos governos do PT é um pretexto para aqueles que até hoje não engoliram a atenção do Estado para com o pobre que de 2002 até hoje tem havido no Brasil.

A sucessora de Lula continuou a simbolizar a quebra do status quo de um Brasil governado pelas elites. Dilma Rousseff foi torturada pela ditadura na sua juventude, e agora teve a ousadia de ocupar a Presidência sucedendo aquele operário que voltou o Estado para os desfavorecidos.

O que de fato provoca a reprodução do discurso de perigo comunista são os avanços sociais, o pobre assistido, a renda aumentando além de outras conquistas. Então chegamos ao momento em que o verdadeiro perigo à democracia pode ser revelado: a sociedade civil embebida no ódio de classes é a real ameaça ao Estado Democrático, pois (com suas alucinações de direita) tem o poder de despertar forças despóticas que não pode controlar. Foi assim em 1964, quando a direita encarnou um falso heroísmo, foi assim que também os fascismos dominaram. Podemos ler em Hobsbawm:

O perigo vinha exclusivamente da direita. E essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para o qual o rótulo “fascismo” é ao mesmo tempo insuficiente mas não inteiramente irrelevante. (Hobsbawm,1995, p.116).

Das primeiras décadas do século XX, e por todo o seu desenrolar, essa verdade que o historiador britânico nos diz foi uma constante no mundo ocidental. O Brasil liberto de uma monarquia nascida nos moldes europeus entrou em uma república amante de um conservadorismo autoritário ao extremo e terrivelmente inimigo da democracia.

Os brasileiros assim se tornaram republicanos que aplaudiram o coronelismo e o Golpe em 1930, sendo que sete anos depois o “pai dos pobres” Getúlio Vargas, não esconderia sua face real como ditador no opressor Estado Novo erigido sob inspiração fascista. Passou-se quase que duas décadas da queda de Vargas para aquele conservadorismo autoritário conchamar os militares (que já estavam a fim) a destruir a democracia.

O ódio de classes bem à direita é uma doença nacional que parece não ter cura. Uma doença que vai e volta tendo intervalos de duvidosa democracia, e em nossos dias no século XXI essa doença quer voltar a trazer males. As pessoas reprodutoras do discurso que invoca os dias golpistas de 1964 não percebem que estão a invocar “demônios” capazes de destruir a estabilidade construída desde o fim da Ditadura Militar no Brasil.

Os militares a quem essa insana massa conservadora conchama, permanecem inertes e indiferentes aos pedidos inconstitucionais de intervenção por parte das Forças Armadas contra a Presidente Dilma Rousseff, e em dias em que a palavra que no passado derrubou Collor , impeachment, esta inclusive no vocabulário de uma juventude “conservadora”, não há por enquanto nenhuma base legal para remover a Chefe de Estado, sendo também uma possível reedição do Golpe de 64 impossibilitada pelo próprio contexto nacional.

O real perigo ao Estado Democrático está vivo e notório neste ano de 2015, que foi marcado profundamente pela manifestação das forças que querem matar as liberdades e a democracia como fizeram em 1964. Vemos aí que o tempo passou e a classe média não mudou, não morreram as forças da direita e muito menos a capacidade de tentar um golpe de Estado e analisando essa fala construída podemos notar um falso patriotismo direitista dessa classe média que no fim de tudo tanto odeio o Brasil como nação e o brasileiro como povo.

As cores verde e amarelo, a bandeira e o canto do hino nacional que podemos notar na maioria das manifestações que clamam por intervenção militar formam uma máscara de patriotismo para esconder um “monstro

devorador de povos”. Esse devorador é o ódio que desestabiliza nações e enfraquece governos até derruba-los.

As críticas e exigências devem ser feitas sempre aos governantes. O combate aos corruptos e contra tudo o que exista em desfavor do povo deve constituir-se na bandeira dos que realmente amam o Brasil. Isso é Democracia, e sua guarda deve ser conferida a todas as gerações de brasileiros, sobretudo a mocidade que acaba por constituir-se em ponta de lança a quem será destinada a construção de dias melhores. Sem utopias, ilusões e sonhos inalcançáveis um Brasil democraticamente livre deve receber mais atenção, o que implica tudo, desde política, passando pela vida econômica, social e cultural. Questões devem ser levantadas e sempre recolocadas, sem o esquecimento rotineiro que macula a consciência política nacional. O que é mais importante, estádios para o momento de Copa do mundo ou hospitais e escolas para gerações? O que seria viável, combater a corrupção ou apelar para uma Ditadura? Reflexões que devem transcender ânimos exaltados que nos levam a dar “tiros no pé”, e que sempre terão respostas diferentes ao longo dos tempos, pois o ser humano muda e com ele o mundo que ele constrói.

Mas atual conjuntura humana dá lugar de honra às democracias e as liberdades e mesmo que os homens possam mudar, esse lugar de honra é fruto de transformações. Já houve o triunfo sobre a barbárie totalitária que ameaçou o globo, colocou-se ilegal a escravidão dos mais “fracos” pelos mais “fortes”, e humanamente as nações passaram a ser lidas. Assim que observemos, se é que posso assim dizer, o atual estágio da civilização, e nos façamos a pergunta: entre as grandes nações, quais delas resolvem com a força os problemas que na democracia devemos buscar a solução?

### **Considerações finais.**

Foi um grande desafio escrever sobre a temática estando em serviço ativo no Exército. Muitos dos militares que comigo conviviam me olharam com desconfiança e recebi muitas críticas de todas as partes. Mas os tempos são outros e o trabalho que fiz foi um marco importante que mostra que não estamos mais em meio a opressão da Ditadura nos quartéis, pois se assim o fosse eu seria retaliado e impedido de prosseguir com a pesquisa.

Sempre que tive oportunidade nas palestras que ministrei aos soldados em instrução, sobre História, defendi a democracia e sempre manifestei opinião contrária a da maioria dos militares que ainda defendem o Golpe.

Contudo mesmo com a liberdade de escrever sobre a temática sendo Sargento do Exército, tive minhas limitações. O serviço de guarda, onde eu era o Comandante da Guarda ao Quartel (comandando todos os Soldados em serviço de segurança), era uma função desgastante que muitas vezes me impediu de estar nas aulas do curso de História. Mas a compreensão dos professores ajudou muito.

Em contrapartida o próprio Curso impôs seus desafios: a grande carga de textos de algumas disciplinas por vezes desviaram o foco da pesquisa. Mas tudo saiu bem.

Gostaria de ter aprofundado mais nas manifestações desse ano de 2015, e pretendo analisa-las em outra ocasião, juntamente com a questão do ódio conservador que é crescente na sociedade e tem arregimentado jovens e ameaçado a democracia com conceitos distorcidos e visões de um perigo “comunista”, em pleno século XX.

Em trabalho futuro, gostaria de analisar com maior profundidade a questão do Exército e sua comunicação social a respeito da propaganda que faz de si, através do Centro de Comunicação Social do Exército-CCOMCEX.

Sobre os militares, pude perceber que não temos mais aquela vontade política que havia em outros tempos. Indivíduos mais preocupados com seus salários do que com a situação do país, não manifestam ainda nenhuma pretensão de reeditar aquele ano de 1964, mesmo que uns poucos fanáticos fardados apareçam de vez em quando. Os generais politicamente obedientes à hierarquia não expressam vontade de formar a vanguarda golpista, tal como os conservadores civis almejam.

O Exército é de fato uma instituição nobre que cultiva valores, mas que deve permanecer a serviço do povo como o último braço para a defesa. Nunca na política ou no governo. E a democracia deve funcionar com os militares em seu devido lugar: ou nos quartéis ou na guerra, nunca no governo. Essa ideia sempre defendi inclusive diante de superiores, que logicamente me criticaram

Notoriamente posso dizer que não estão nos quartéis a atual ameaça a democracia no Brasil, tal como procurei mostrar ao longo do trabalho. Mas devemos permanecer vigilantes diante da parcela da sociedade civil que reproduz o discurso de ódio e autoritarismo. Foi nesse sentido que lá, dentro do quartel, criei um grupo formado por jovens militares e depois aumentado por outros civis, para manifestar em Araguari-MG um compromisso político com a vida democrática.

Denominado “os Aliados”, esse grupo promove ações sociais para ajudar a comunidade carente, além de estar se fortalecendo por meio de palestras em escolas e a onde houver juventude. Nossa mensagem é contra o ódio social sem posicionar-se à esquerda ou a direita, mas sempre defendendo a importância dos jovens em atuar como protagonistas da vida política do país.

A sensibilização das novas gerações sobre a importância da política e vida democrática é vital para pavimentar os novos rumos do Brasil, e os Aliados, que surgiram em um quartel, figuram hoje em Araguari como a primeira centelha da cidade a sinalizar um espírito que contraponha as malignas pretensões de soluções de força para derrubar a democracia.

## Referências.

### Fontes:

Centro de Comunicação Social do Exército- Ministério do Exército- **Palestra /A Revolução de Março de 1964. Palestra/ A Intentona Comunista. (1984)**

### Bibliografia:

ANDERSON, Perry Anderson. **O Brasil de Lula**. Tradução- Alexandre Barbosa de Souza e Bruno Costa. Artigo publicado originalmente na London Review of Books, vol.33,n.7,31/03/20011.

DELGADO, LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVSA. (org). 2003. **O Brasil Republicano: o tempo de experiência democrática- da democracia de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FAUSTO, BORIS. 2013. **História do Brasil**. Colaboração de Sérgio Fausto. -14.ed.atual.e ampl.,1. Reimpr.-São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

HOBSBAWM, ERIC. J. **Era dos extremos: o breve século XX-** 2ª .ed.1995.São Paulo. Companhia das Letras.

MOTTA, ARICILDES DE MORAES; Coordenação Geral. 2003. **1964-31 de março: o movimento revolucionário e a sua história**. - - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.

MORAES, DENIS. 1989. **A esquerda e o golpe de 64**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.